

# RELAÇÕES LITERÁRIAS FRANCO-PENINSULARES

Coordenação de  
Ana Clara Santos

Pires de Rebelo  
François de Rosset  
Mme de Staël Manuel de Figueiredo  
Boileau  
Filinto Elísio Racine Almeida Garrett Rousseau  
Molière Corneille  
Marquesa de Alorna  
Chateaubriand  
Antero de Quental Victor Hugo Teófilo Braga Baudelaire  
Guerra Junqueiro Lamartine Roberto de Mesquita  
Agustina Bessa-Luís Castilho Emile Zola Arthur Rimbaud  
Tirso de Molina Eça de Queirós Fernando Pessoa  
Góngora Sofia de Mello Breyner Andresen Flaubert  
Zorrilla Carlos Queiroz Frederico Garcia Lorca  
Muñoz Molina Mercè Rodoreda Larra Marcel Proust André Breton  
Pérec Eugénio de Andrade  
Adelaide Blasquez Michel de Castillo Sartre Buñuel  
Moratín Vergílio Ferreira Camus  
Malraux

Edições Colibri

Departamento de Letras Clássicas e Modernas  
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais  
Universidade do Algarve

Colóquio Internacional Relações Literárias Franco-Peninsulares, Algarve, 2003

Relações literárias franco-peninsulares / Colóquio Internacional Relações... ;  
coord. Ana Clara Santos ; [org.] Departamento de Letras Clássicas e Modernas da  
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve. –  
(Extra-coleção)

ISBN 972-772-577-5

I – Santos, Ana Clara

II – Universidade do Algarve. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.  
Departamento de Letras Clássicas e Modernas

CDU 821.133.1.09(042)

821.134.2.09(042)

821.134.3.09(042)

061.3

**Título:** *Relações Literárias Franco-Peninsulares*

**Coordenação:** Ana Clara Santos

**Edição:** Edições Colibri

Departamento de Letras Clássicas e Modernas (FCHS)

© Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve

**Composição:** Nuno Vieira

**Capa:** Ricardo Moita

**Depósito legal:** 232 918/05

**Patrocínios:**

Ministério da Cultura – Instituto Português do Livro e das Bibliotecas

Reitoria da Universidade do Algarve

Departamento de Letras Clássicas e Modernas

Fundação Calouste Gulbenkian

Ministério da Cultura – Delegação Regional do Algarve

Lisboa, Novembro de 2005

## LE LIVRE DE BAUDOUIN, COMTE DE FLANDRE, ET DE FERRANT, FILS DU ROI DE PORTUGAL

*M. Isabel Rosa Dias*  
Universidade do Algarve

Nos séculos XII e XIII chegava à Europa de além-Pirinéus a imagem de um Portugal guerreiro, em luta contra os mouros. Os cruzados que nela participavam registavam-lhe a memória ou forneciam os elementos necessários para que outros o fizessem, e o eco dessas palavras dispersava-se por inúmeras crónicas e anais. Àquelas paragens chegavam também testemunhos das tradições histórico-hagiográficas portuguesas, nomeadamente das que maior projecção vinham alcançando, como a da trasladação de S. Vicente para Lisboa. Chegavam ainda princesas e príncipes, que por via de alianças matrimoniais ascendiam a lugares de governação. É o caso da Infanta D. Teresa (ou Matilde), filha de D. Afonso Henriques, que contraindo matrimónio com Filipe de Alsácia, em 1184, se tornou Condessa da Flandres, e do seu sobrinho, D. Fernando, cujo casamento, em 1212, com a herdeira do Condado do Hainaut, Jeanne, filha de Baudouin IX, lhe valeu o título de Conde da Flandres e do Hainaut. Os anais e crónicas portuguesas limitaram-se a assinalar o casamento destes príncipes, não fornecendo quaisquer informações sobre as atribuladas vicissitudes governativas por que passaram, em tão distantes terras de suzerania francesa. Já a cronística do norte da Europa, fornece, sem surpresa, numerosos elementos sobre a acção político-militar daqueles príncipes portugueses, que permitem acompanhar o percurso da sua governação.

Nos registos históricos imiscuem-se aspectos de natureza lendária. Por vezes, contudo, a lenda apodera-se quase por completo da história, passando o discurso factual a ser meramente residual. Assim acontece na obra de que gostaria de vos falar aqui, *Le Livre de Baudouin, comte de Flandre, et de Ferrant, fils du Roi de Portugal*. Aquilo que esta narrativa conta de Baudouin, conde do Hainaut, que foi o primeiro rei cristão de Constantinópla, e de Ferrant, conde português da Flandres e do Hainaut, e um dos malogrados heróis da batalha de Bouvines, interessa essencialmente à história das cons-

truções do imaginário literário, embora nela se projectem refractariamente aspectos da realidade factua.

Como presumem os editores oitocentistas do *Livre*, Constant Philippe Serrure e Auguste Voisin, esta narrativa terá surgido primeiramente em verso, no séc. XIV, e só no século seguinte terá sido prosificada, processo por que passaram, aliás, vários poemas franceses e flamengos, como exemplificam os *romans* do Perceval, do Lancelot, e as crónicas de Turpin e de Roland. O autor do *Livre* é anónimo. Embora seja nítida a simpatia que sente pela personagem Ferrant, a quem dedica boa parte da sua obra, várias situações discursivas mostram que a sua origem não é flamenga. O conhecimento correcto da realidade geográfica da Flandres e de aspectos específicos da sua história (ainda que transfigurados pela escrita romanceada) fazem crer que fosse originário de uma região limítrofe, talvez o Artois ou a Picardie.

O *Livre de Baudouin* foi editado pela primeira vez em 1478, na cidade de Lyon. Entre aquela data e 1509 teve mais seis edições, feitas em diferentes cidades (Chambéry, Lyon e Paris). Viria a ser redescoberto e reeditado (pela última vez, a partir da edição de 1485) em 1836, na cidade de Bruxelas, pelos editores atrás referidos, num tempo em que por toda a Europa se recuperava a herança histórico-literária da Idade Média e o seu significado simbólico. Creio que nenhuma das edições antigas foi conhecida no Portugal delas contemporâneo (o dos finais do séc. XV/princípios do XVI). E só por singulares circunstâncias históricas acabou por chegar a Portugal, no séc. XVIII, em cópia manuscrita, um pouco defeituosa, porque nalgumas partes lacunar.

Esta cópia faz parte do volume X de uma grandiosa colecção setecentista de códices manuscritos (originalmente, duzentos e trinta e sete, e, hoje, duzentos e vinte e dois, a que se juntam mais quatro volumes de índices), que reúnem cópias de documentos e obras relativas a Portugal, dispersas pela Biblioteca do Vaticano e por outras bibliotecas e arquivos de Roma. Esta colecção monumental, intitulada *Symmicta Lusitanica*, deveu-se à iniciativa de Manuel Pereira de Sampaio, embaixador de D. João V naquela cidade italiana, e foi organizada com o objectivo de dar corpo ao arquivo da legação portuguesa em Roma<sup>1</sup>. Acabou por ser trazida para Portugal, em circunstâncias desconhecidas. Conserva-se hoje na Biblioteca do Palácio da Ajuda, relativamente arredada do olhar dos investigadores, o que talvez seja ainda uma remota consequência do injusto anátema que sobre ela lançou o historiador Alexandre Herculano, que no entanto não prescindiu dela para a escrita da sua *História de Portugal* (Herculano 1903: 369-370).

A referida cópia setecentista do *Livre* apresenta o título *Faits de Ba-*

<sup>1</sup> Cf. BRASÃO, Eduardo. 1945. *D. João V. Subsídios para a história do seu reinado*. Porto: Portucalense Editora.

*douin Comte de Flandres et de Ferrant Fils de Sancé Roy de Portugal, et successeur de Badouin dans la fin du siècle XII.* Ocupa a primeira parte do volume para onde foi transcrita, tendo a segunda parte do mesmo volume sido destinada à transcrição da *Historia di Don Frances de Zuñiga sobre el casamiento del Emperador Carlos V, Rey de España, com la Infanta Doña Ysabel de Portugal y de otras cosas pertenecientes a la España y Portugal.* Na folha de rosto do códice que agrupa estas duas obras lê-se: *Symmicta Lusitanica ex Mss. Codicibus Bibliothecae Apostolicae Vaticanae, Tomus Tertius, 1744* (cota: 46-IX-10). Através de uma anotação do copista do manuscrito da Ajuda (fól. 27), sabemos que o códice usado como fonte desta cópia foi o que ainda hoje se conserva na Biblioteca Vaticana, com a cota que já o identificava no séc. XVIII, Reg. 867. Creio que, até hoje, entre nós, a história narrada pelos *Faits de Badouin* apenas despertou a atenção de Luciano Cordeiro, que a conheceu através do manuscrito da Biblioteca da Ajuda e da edição belga de 1836, tendo-a citado na obra intitulada *A Condessa Mahaut*, publicada em 1899. Foi, aliás através deste autor, que dediquei também um estudo inacabado ao conde Ferrant, que tomei conhecimento da referida narrativa lendária.

A edição de 1836 do *Livre de Baudouin* (que aqui usarei como texto de citação) divide a narrativa em 88 capítulos, não numerados. Estes apresentam uma sucessão de episódios interdependentes, em que ressalta a componente romanesca, umas vezes suscitada pelos ingredientes da história factual, como exemplifica o episódio da aventureira viagem de Baudouin IX para Constantinopla e do não menos imaginativo regresso do conde à Flandres, após muitos anos de prisão em Jerusalém, inspirado nos acontecimentos que marcaram a histórica viagem de Baudouin para a terra santa; outras vezes a construção romanesca resulta de um trabalho criativo em torno de formas contísticas tradicionais, como é o caso do episódio do casamento de Baudouin com a dama demoníaca, homólogo de outras histórias em que senhores do mundo cristão e civilizado se ligam a mulheres que encarnam as forças indómitas da natureza. Recordem-se, por exemplo, na literatura medieval portuguesa, as narrativas que têm como protagonistas a Dama-de-pé-de-cabra e a Dona marinha, transmitidas pelo *Livro de Linhagens* do Conde D. Pedro de Barcelos. Ou como é ainda o caso, no que à recriação de formas narrativas tradicionais diz respeito, de um episódio cuja estrutura transporta um vago eco da história bíblica de Moisés, criado fora das suas origens para a elas voltar como líder do seu povo. Tal episódio envolve a figura Jean Tristan, filho do rei S. Louis, roubado pouco depois do nascimento na cidade oriental de Damiete por uma moura e levado para o palácio do Sultão na Babilónia, onde cresceu desconhecendo as suas origens até que um dia estas lhe foram miraculosamente reveladas numa batalha contra o tio cristão, no sul de Itália. Jean Tristan voltou depois a França, sendo convidado a tomar a governação deste reino.

A prosa ficcional do *Livre de Baudouin* alimenta-se ainda da exploração de motivos literários conhecidos, como seja a interpretação simbólica de acontecimentos prodigiosos ou invulgares. Assim se lê na narrativa sobre a morte do açor branco, oferecido pelo conde Ferrant da Flandres ao rei de França. Este último episódio apresenta-se, aliás, como a causa directa de uma série de conflitos militares entre aqueles dois governantes, que vão desembocar no acontecimento mais importante da narrativa, a batalha de Bouvines. Nele se alicerça a releitura criativa dos acontecimentos históricos que imortalizaram a figura do conde português da Flandres e do Hainaut. É também ele que coloca Ferrant no centro da história narrada, uma vez que imediatamente antes se encerrara a narrativa sobre Baudouin IX, com a descrição da sua morte. É através da análise deste episódio, núcleo significativo no processo de engendramento do discurso lendário em torno da figura do conde, que prosseguirei aqui o objectivo de chamar a atenção para uma obra da literatura francesa medieval que elegeu como um dos seus protagonistas um príncipe português que governou no norte da Europa, entre 1212 e 1233.

As fontes histórico-literárias contavam que, em 1213, um ano depois de Ferrant ter contraído matrimónio com a princesa herdeira do condado da Flandres e do Hainaut, eclodiram os conflitos entre o conde português e Philippe Auguste, que provocaram devastação e desordem nas terras flamengas. Ao evitar uma aliança com o rei francês para a realização de uma investida militar contra João Sem Terra, rei de Inglaterra, Ferrant ficara exposto às represálias do seu suzerano. Este invadiu-lhe as terras. Conquistou Cassel e Ypres, pilhou Bruges e cercou Gand. No norte tomou o porto de Damme e para evitar que os flamengos se apoderassem de parte da sua armada, mandou incendiá-la; a cidade sucumbiu também aos incêndios. O rei francês voltou a Gand e tomou a cidade; também Lille caiu nas suas mãos. Impotente perante a destruição provocada por Philippe Auguste, a Ferrant não restou outra alternativa se não pedir o auxílio do rei inglês, dando assim o primeiro passo para a formação de uma coligação contra o rei de França, de que fariam igualmente parte o imperador da Alemanha e vários condes das regiões limítrofes da Flandres. Bouvines é o cenário em que Ferrant vai magistralmente procurar libertar-se das afrontas político-militares do seu suzerano e dos constrangimentos vassálicos por ele impostos. Estes são factos que o autor do *Livre* conheceu e que revisitou criativamente, subordinando-os à lógica do discurso lendário, que fará com que a batalha de Bouvines e os acontecimentos que a antecederam deixem de ser consequência de ataques militares franceses e passem a ser consequência de um incidente inter-pessoal de valor simbólico, através do qual a emoção e a transcendência tomam conta da história.

Com efeito, esta diz que, por sugestão da condessa Jeanne, Ferrant enviou ao rei de França, como presente, um açor branco que lhe fora oferecido pelo rei de Inglaterra. Philippe Auguste que, no momento em que chegaram

os embaixadores flamengos, estava a caçar com aves, agradeceu a oferta e pediu que soltassem o açor. Foi desaconselhado de o fazer porque a águia que sobrevoava o local certamente não o pouparia. Mas o rei insistiu em soltar o açor, explicando: “J’ai ouy par plusieurs foys racompter que l’aigle est roy par dessus tous les oyseaulx, comme aussi il est prouvé par le livre du Bestiaire, et que l’on peult comparer l’autour blanc à l’aigle, et pource je veuil laisser aller l’autour blanc contre l’aigle, et met ung exemple, se ung conte oseroit aller à l’encontre d’ung roy” (1836:61). O que se segue é a descrição da cena em que o açor por três vezes ganha vantagem sobre a águia, obrigando-a a fugir até esta ganhar alento para um quarto vôo em que finalmente apanha o açor branco, matando-o.

A leitura simbólica desta cena de falcoaria proposta pelo rei acaba por ser desenvolvida por um dos senhores que o acompanhavam, o conde de Saint-Pol, a partir das descrições simbólico-morais veiculadas pelos bestiários medievais, como explicitamente o conde francês indica: “Sire, je vous ay a racompté par l’exemple du Bestiaire aulcuns des faitz des oyseulx et que l’on peult sur ce adviser” (1836:62-63). É a conotação negativa do açor, ave que representa os que praticam o mal, os ladrões, que o conde transporta para a sua leitura interpretativa, como chave que permite descodificar o sentido de uma realidade de que à partida se evitou o significado meramente referencial, do qual, de resto, o discurso lendário não tiraria qualquer partido. As palavras do conde de Saint-Pol desvendam o verdadeiro sentido da realidade observada, constroem a figura ou a representação para que aquela remete; e esta é que importa reter: “on peult figurer sur ce fait que le roy d’Angleterre ne vous ayma point, quand il fist présent à Ferrant, conte de Flandres, le blanc autour et ne le luy envoya fors pour soy allier à lui, affin qu’il luy soit aydant contre vous, pour grever le royaume de France; et les verres tantost alliés ensemble, et entrer en vostre terre et y meetre feu et flambe. Et voudra Ferrant à votre corps joster, et par trois fois vous fera à terre verser, et à la quatrièsmes, vous conviendra retraire pour doubte de luy et vous en fuyr pour saulver vostre vie: mais après il s’en pourra vanter qu’il en mourra à la fin. C’est le signe et la figure que l’on peult jugier de ce fait” (1836:63). E este fim de que aqui se fala é a batalha de Bouvines. Pergunto-me se, por um lado, os versos do poema rimado de Philippe Mousket, em que o Conde de Bolonha, um dos aliados de Ferrant na batalha de Bouvines, é comparado a um falcão que aguarda junto a um ribeiro o momento de se lançar em vôo sobre outra ave, e, por outro lado, a referência tradicional às três quedas do Imperador da Alemanha na mesma batalha, que aparece por exemplo no *De Pugna Bovinensi. Relatio Marchianensis*, não farão parte do mesmo caldeamento de influências a partir das quais o episódio do açor ganhou forma.

A leitura dos sinais do destino feita pelo conde de Saint-Pol antecipa um cenário de conflitualidade de que ela própria é causa, na medida em que

é entendida, primeiro pelos senhores da Flandres, e depois pelo seu conde, como uma provocação, à qual seria impossível não reagir. Essa reacção esperada é adicionalmente justificada por um comentário do rei às palavras do conde de Saint-Pol, que traz para o interior da lenda a delicada questão histórica da vassalidade de Ferrant ao suzerano francês: "Et encores, dist le Roy, y a il plus, que Ferrant est mon serf, si fut son père Clément de Portugal, et ainssi je ne pourroie croire que Ferrant eust coraige de moy grever aulcunement" (1836:63). Conheceremos mais adiante as razões (militares) por que o pai de Ferrant ficou em dívida para com Philippe Auguste. Ficaremos também a saber como da igualmente inventada ligação amorosa do rei francês com a rainha portuguesa, mãe de Ferrant, resultou a concepção deste último. Esta peripécia narrativa ajuda a perceber, retrospectivamente, o uso pouco diplomático da palavra "serf", tão provocatória para os ouvidos flamengos, em vez de outra que no quadro das ligações vassálicas lhe pudesse equivaler.

A intromissão deste fio sentimental a que acabo de aludir na narrativa abre novas perspectivas à transfiguração literária de Ferrant. Mesmo sendo confrontado com a revelação das suas origens parentais, pouco tempo antes do recontro mais importante com o rei de França, a batalha de Bouvines, Ferrant insiste nos seus objectivos; "par orgueil", diz o narrador, que prossegue desvendando o pensamento do conde: "Quant il m'a ainssi toulue ma terre, mais se je en debvoye estre dampné au jugement, si mettray-je paine à le chassier hors de son royaume" (1836:94). E numa fala dirigida a um mensageiro do rei de França, Ferrant continua: "Vous aves à moy parlé trop rudement: mais dictes au roy que s'il estoit mon père proprement, que si reconquerroy-je mon país sur luy: et luy dictes qu'il aura la bataille à moy et à mes gens, ne j'ay n'y attendray mardi et passeray demain l'eau, s'il ne l'a me deffend" (1836:94). Ferrant não submete os interesses do seu condado a nenhum argumento familiar e também não responde positivamente a propostas dilatórias, mesmo que feitas em nome de Deus: "Adonc, luy dist le chevalier, Ferrant, attendes; car il est dimanche, qui est jour de repos, où l'on ne doit faire aucune œuvres terriennes: et vault mieulx attendre à mardi, car hastineté n'est pas aulcunefois bonne" – "Par Dieu! dist Ferrant, je n'en feray rienz" (1836:94).

Na verdade algumas fontes históricas, como, por exemplo, o relato em prosa de Guillaume, le Breton, a *Philippide* (texto versificado do mesmo autor), o relato do anónimo de Bhétune, e o relato de Roger de Wendover já destacavam o facto de a batalha ter ocorrido num domingo, dia devido ao serviço de Deus, e atribuíam a responsabilidade dessa decisão moralmente errada (que não se poderá desligar do desfecho da batalha) à coligação formada contra Philippe Auguste, a qual reunia as forças militares de Ferrant, do Imperador da Alemanha e do rei de Inglaterra, entre outras. Contudo, os relatos da batalha de Bouvines não compreendiam a narração das situações

históricas que a provocaram, facto que poderia de algum modo ter atenuado o juízo negativo que desde logo atinge irreversivelmente os que decidiram avançar para a batalha num domingo.

Ora, o texto lendário do *Livre de Baudouin* constrói esses antecedentes a partir do episódio do açor branco, os quais criam uma atmosfera de simpatia, ou pelo menos de compreensão, em relação à obstinação de Ferrant, sublinhada uma vez mais na contra-resposta dada pelo interlocutor francês: “il me chiet au cuer que vostre orgueil vous destruira” (1836:94). Porque essa atmosfera existe o comportamento do conde não chega a afectar negativamente a sua imagem. Pelo contrário, reforça-lhe as qualidades de líder que se lança numa luta incondicional, contra os opositores, contra si e contra Deus, pela defesa dos direitos da Flandres. Todo o percurso realizado pela personagem desde o episódio do açor branco impossibilita que o “orgueil” que o faz avançar contra o exército do rei francês, em Bouvines, seja lido negativamente, ainda que por duas vezes o narrador afirme que a razão está do lado francês. O “orgueil” é a arma de que Ferrant se socorre para se destacar dos outros, e desafiar o destino adverso que lhe fora pré-anunciado. Através das suas campanhas de desagravo contra Philippe Auguste, procura inviabilizar a leitura do episódio do açor. Numa batalha travada perto de Senliz o conde consegue deitar o rei por terra, e pensa ter alcançado esse objectivo, como denunciam as suas palavras irónicas: “Sire, le sort que vos gens avoyent sorti, est já bien apparu: car l’aigle fut abatue par l’autour blanc et le conte a abatu le roy” (1836:70). O rei volta a cair mais duas vezes e retira-se depois da batalha com um pedido de tréguas. A leitura simbólica do conde de Saint-Pol vai-se confirmando passo a passo: “et à la quatrièsmes, vous couviendra retraire pour doubte de luy et vous en fuyr pour saulver vostre vie” (1836:63). E a águia acabará, com efeito, por vencer em Bouvines. Contra ela, o mesmo é dizer, contra a força do destino, Ferrant nada poderia. Mas é a inelutabilidade desta força que agiganta o dramatismo da sua acção pela defesa dos limites territoriais e dos direitos do seu condado. Tudo o açor fez para vencer a águia.

### Referências Bibliográficas:

#### Textos

ANÓN. 1964 (1.ª ed. Hanover, 1882). *De Pugna Bovinensi. Relatio Marchianensis*, in *Monumenta Germaniae Historica, Scriptores*, XXVI. Stuttgart/New York, 390-391.

ANÓN. *Faits de Badouin Comte de Flandres et de Ferrant Fils de Sance Roy de Portugal, et successeur de Badouin dans la fin du siècle XII*. Ms. do séc. XVIII. Biblioteca do Palácio Nacional da Ajuda (46-IX-10).

- DE WENDOWER, Roger. [Relato da batalha de Bouvines], apud DUBY, Georges. 1985. *Le dimanche de Bouvines*. Paris: Gallimard, 333-336.
- LE BRETON, Guillaume. [Tradução de 1274 por um monge de Saint-Denis da crónica latina em prosa sobre Bouvines], texto adaptado por Andrée Duby, apud DUBY, Georges. 1985. *Le dimanche de Bouvines*. Paris: Gallimard, 68-97.
- LE BRETON, Guillaume. *Philippide*, apud DUBY, Georges. 1985. *Le dimanche de Bouvines*. Paris: Gallimard, 322-336.
- MOUSKET, Philippe. 1964 (1.<sup>a</sup> ed. Hanover, 1882). *La chronique rimée*, in *Monumenta Germaniae Historica, Scriptores*, XXVI. Stuttgart/New York, 721-821.
- SERRURE, Constant Philippe. VOISIN, Auguste (ed.). 1836. *Le Livre de Baudoyne, Conte de Flandre, suivi de fragments du Roman de Trasignyes*. Bruxelles: Berthot et Périchon.

#### Estudos

- BRASÃO, Eduardo. 1945. *D. João V. Subsídios para a história do seu reinado*. Porto: Portucalense Editora.
- DUBY, Georges. 1985. *Le dimanche de Bouvines*. Paris: Gallimard.
- HERCULANO, Alexandre. 1903. "A Symmicta Lusitana". *Archivo Histórico Portu-guez*. Vol. I. Lisboa, 369-370.